

A sociologia antropocêntrica de Guerreiro Ramos

Ariston Azevêdo¹

Resumo: Esta pesquisa parte da sugestão de Mark Bevir para que os intérpretes das obras dos autores do passado procurem orientar sua análise pela pressuposição de coerência entre as crenças sustentadas pelo autor. Neste sentido, perguntamos: que convicções perpassaram os escritos poéticos, literários, sociológicos, políticos, além dos discursos parlamentares e administrativos, elaborados por Guerreiro Ramos ao longo de seus mais de quarenta anos de produção intelectual? Para levar a cabo a resposta a esta pergunta, procuramos nos centrar nas inter-relações entre alguns conceitos fundamentais para o autor e em algumas crenças e posicionamentos afirmados e reafirmados por ele ao longo de sua trajetória. A análise desses posicionamentos nos leva a sustentar que em Guerreiro Ramos é possível encontrar uma teorização da vida humana associada marcadamente antropocêntrica.

Palavras-chave: pensamento social brasileiro; história intelectual; Guerreiro Ramos.

Abstract: This research follows Mark Bevir's suggestion to the interpreters to guide his analysis of authors of past works by coherence presupposition among the beliefs sustained by the author. Thus, we asked: what main beliefs cross the Ramos's writings since 1930 until his last book? To answering this question, we centered our effort in the relation among fundamental concepts and beliefs affirmed and reaffirmed by him during his intellectual trajectory. Our research demonstrated that the Ramos's sociology is anthropocentric.

Key words: Brazilian social thought; intellectual history; Guerreiro Ramos.

A idéia de homem como centro pugnada por Guerreiro Ramos não deve ser confundida com a idéia do humanismo antropocêntrico moderno, este que foi condenado pelo autor, à época em que seu pensamento guardava grande afinidade com a tese de um Humanismo Integral, marcadamente espiritualizado, cujo maior elaborador foi o filósofo francês Jacques Maritain e o filósofo Russo Nicolas Berdyaev. Neste sentido, a noção de pessoa humana, como dubiedade indissolúvel e inafastável entre a materialidade secular e a espiritualidade eterna, evocada por esse humanismo (integral), procurava restituir ao ser humano aquilo que a noção de indivíduo lhe havia retirado, isto é, sua relação com a divindade, com o eterno, bem como reposicioná-lo ao seu lugar de centro no universo. Esse

¹ Doutor em Sociologia Política e Professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

humanismo – uma recuperação do humanismo clássico –, mesmo que tenha sofrido algumas atualizações ao longo da vida intelectual de nosso sociólogo, manteve-se, como uma profunda crença, em várias de suas defesas e posicionamentos, entre os quais podemos mencionar a sua idéia de indissociabilidade entre o pensamento e a ação, o seu personalismo e luta pela personalização, a defesa da liberdade (e da criatividade a ela relacionada) como condição primordial do ser humano e a retomada da razão centrada no sujeito.

De acordo com Guerreiro Ramos, a Era Moderna inaugurou um intenso processo de despersonalização humana, para o qual colaboravam as suas principais instituições. Em princípio, de maneira indiferenciada, Guerreiro Ramos denunciava a civilização, como um todo, neste processo, responsabilizando a secularização a que ela estava entregue pelas mudanças substantivas ocorridas acerca da concepção de homem e de vida humana associada. Diante disso, o Humanismo Clássico foi vítima de um profundo questionamento, tendo sido reconfigurado sobre novas bases, estas agora não mais espirituais, mas humanas, demasiadamente humanas, de modo tal que foi adjetivado de humanismo antropocêntrico. Assim, desespiritualizado, largado ao secular e material, o homem foi vítima de uma civilização que, ela mesma, passou a instrumentalizá-lo, e ele se tornou um ser gregário, despersonalizado, em síntese, um indivíduo. Foi contra este estado moderno da civilização, contra esta concepção de natureza humana e da vida humana associada que ela sugeria que Guerreiro Ramos se opôs quando jovem. Assumindo que havíamos chegado ao esgotamento (ou decadência) destas fórmulas, e negando o que então se afirmava como alternativas a elas (comunismo e fascismo), o autor pugnou por um novo homem e por uma nova civilização em bases personalistas.

Mais tarde, já com sua perspectiva sociológica formada, e inspirado na “grande transformação” narrada por Polanyi, o sociólogo encontrou na expansão da economia de mercado o elemento raiz desse processo de despersonalização, elemento que acabou enviesando a ciência social (sociologia, psicologia, ciência política, economia, administração) surgida em seu contexto de emergência. A esta ciência social comprometida com a contingência ideológica da sociedade de mercado, Guerreiro Ramos negou sua cientificidade e a acusou de obstaculizar os processos de personalização do homem e das coletividades, permeadas que eram pelo etnocentrismo que acometia o sentido de muitas de suas categorias. Premente era, portanto, para o autor, a construção dessas ciências sob novas bases.

Os escritos poético-literários guerreirianos, antes dos anos 40, estão todos eles permeados, ou pela defesa do humanismo personalista ou são a expressão de sua própria luta pela personalização, o que está presente, com maior evidência em seu livro de poesias *O*

drama de ser dois. Neste momento de sua trajetória intelectual a noção de pessoa se apresenta como fundamental, e denuncia uma forte influência de pensadores como Maritain e Berdyaev, deste último, principalmente. Os seus textos de juventude denotavam o apego guerreiriano ao Humanismo Clássico, numa vertente greco-judaico-cristã, em detrimento do Humanismo Moderno.

A idéia de personalização tinha forte conotação axiológica para Guerreiro Ramos e nisto residia sua crítica à modernidade, haja vista que esta confundia personalidade com individualidade. Ora, para o sociólogo brasileiro, e nisto ele seguia de perto o pensamento de Nicolas Berdyaev, a personalidade seria elemento essencial humano, ou, melhor dizendo, o homem seria personalidade por espírito. Personalidade seria liberdade criativa; a semelhança com Deus a tornara capaz de criar tal qual o criador, e esta era a natureza singular do ser humano, insinuando também a especialidade de cada um. Do mesmo modo, em razão desta simbiose entre a finitude e a eternidade, a noção de personalidade, para além de conotar apenas a reminiscência de um ethos substancial imutável, indiferente ao tempo, era a constância na mudança, era perduração, no sentido desta que Guerreiro Ramos se apropriou também de Alfred Whitehead. Ainda, não se pode deixar de afirmar que no sentido de personalidade guerreiriano está contida a idéia de consciência de si, de seu destino. Personalização, assim, é o processo de luta incessante pela auto-afirmação consciente de si e pela auto-realização criativa de seu propósito existencial a cumprir.

Foi por isso que Guerreiro Ramos combateu os entendimentos acerca do sentido e da importância conferidos aos processos de socialização, uma vez que, para ele, o eu era irreduzível à sociabilidade, e, neste sentido, toda a socialização representaria alienação. Foi por conta desse combate que nosso sociólogo afirmava, insistentemente, o conflito insanável entre o homem (a pessoa humana) e todos os tipos de sistemas sociais projetados – a supressão desse conflito era desumanização; nestes termos, é que foram erigidas suas severas críticas ao conceito sociomórfico de homem sob o qual a ciência social estava construída; este também foi o caso de sua crítica às organizações e às psicologias do ajustamento, ou integracionista, estas que, descurando daquela irreduzibilidade, ao autor tão cara, acreditavam, ingenuamente, ser possível a perfeita adaptação do homem ao sistema social. A busca incessante do homem pela auto-realização somente agravava esta tensão, pois que ao voltar-se para si na procura de sua expressão autêntica, ele o fazia por intermédio de uma necessária resistência contra as investidas da socialização de sua psique. Esta busca, ao contrário da conformação do homem aos sistemas, da unidimensionalização daquele, exigia uma adequação dos sistemas sociais às várias necessidades humanas, o que os caracterizaria como

múltiplos (e a sociedade como multicêntrica), uma vez que afetos às mais distintas dimensões que assumiriam a vida humana individual e associada. Ora, neste sentido, essa tensão entre seres humanos e sistemas sociais só teria fim, ou com a morte do homem ou então pela sua destituição de si, algo impossível, em termos absolutos, para Guerreiro Ramos.

É diante desse posicionamento que Guerreiro Ramos recuperou a idéia de razão. Ao passar em revista a história do conceito nas ciências sociais, percebeu ele que houvera ocorrido uma transvaloração da razão a partir de Hobbes, ou seja, a razão deixara de ser a “força ativa na psique humana” que o habilitava “a distinguir entre o bem e o mal, entre o conhecimento falso e o verdadeiro e, assim, a ordenar sua vida pessoal e social”, para se tornar, em Hobbes, a capacidade humana de prever conseqüências. Assim, a razão perdeu seu sentido normativo para ganhar conotações meramente utilitárias ou de ajuste às expectativas de comportamento. Esta transvaloração retirou o lócus da razão do homem concreto, atribuindo-o ao homem abstrato e, mais tarde, aos sistemas sociais e à história. A restauração da razão era, assim, uma tarefa primeira no sentido de restituir a posição do homem ao centro do universo. Evocar o sentido de razão noética ou substantiva, para Guerreiro Ramos, era retornar a razão à psique humana e reforçar seu papel normativo, a partir do homem, na ordenação da vida pessoal e social. Este recurso à razão justificaria tornar esta o conceito básico de uma ciência verdadeira da sociedade e das organizações, em uma concepção antropocêntrica. Neste sentido, personalidade e razão eram elementos perfeitamente correlacionáveis para Guerreiro Ramos.

Este centramento do homem, em Guerreiro Ramos, é ainda marcante em sua epistemologia, na condenação do saber alienado e na defesa do saber engajado. Muito embora tenha sido fortemente influenciada pela fenomenologia de Husserl, nesta epistemologia Guerreiro Ramos não se contentou com o sujeito transcendental husserliano, adotando, contra isso, a idéia de Ortega y Gasset, de que o homem é um ser em circunstância, e a idéia heideggeriana de que o homem é um ser no mundo, condição à qual nenhum cientista escaparia. O método de redução sociológica pode ser visto também como uma autodefesa à produção de um saber alienado, haja vista que ele exige o rebatimento do saber produzido, e das experiências e conceitos externamente apropriados, à realidade social à qual ele se destina a referir. Seria assim o conhecer, para Guerreiro Ramos, porque tal atitude de desalienação é um atributo da própria pessoa; ela tende a tudo personalizar (tornar autenticamente seu), inclusive o saber, e desta condição de pessoa, o cientista não se poderia furtar sob justificativa de neutralidade ou qualquer outro valor.

Diante do exposto, as problemáticas com as quais Guerreiro Ramos se envolveu

são tratadas de acordo com esses posicionamentos acima. Talvez seja no tratamento da questão nacional que esses posicionamentos se apresentem com menor clareza ou obviedade. De todo modo, para tratar da nação, Guerreiro Ramos fez uso de uma analogia com a idéia de personalização e, amparando-se muito no culturalismo alemão, para o qual cada cultura corresponderia a uma individualidade, advogou a idéia de nação como pessoa coletiva. Foi por isso que, para ele, a passagem do Brasil do estado de coletividade desagregada para o de nação representava seu processo de personalização, ou seja, de adquirir a condição de ser histórico e cultural, de tomar consciência crítica dos seus condicionamentos para, assim, afirmar-se diante da configuração de poder mundial. Este posicionamento é que o levou a criticar o serialismo como característica da ciência social no tratamento das nações, haja vista que tal serialismo, no tratamento de temas como modernização e desenvolvimento, por exemplo, se apresentava como um verdadeiro fatalismo e impedia a busca, por essas nações, de seu autêntico vir-a-ser. Este fato levou o sociólogo a propor um modelo da possibilidade como contraposição entre a Teoria N, representativa deste fatalismo serialista, e a Teoria P, na qual a liberdade era o centro das decisões políticas das nações, inexistindo, assim, qualquer nação paradigmática.

Diferentemente da questão nacional, a elaboração do modelo de homem parentético recuperou muito do humanismo que desde a juventude Guerreiro Ramos vinha sustentando. Mesmo que categoria cristã de pessoa humana tenha ficado mais subliminar, ou mais atenuada, o sociólogo não perdeu de vista a idéia de personalização e de outras características quando dessa definição de homem. Portador da razão, no sentido noético, esta é a primeira e fundamental natureza que o sociólogo atribuiu ao homem parentético. Tal homem busca, insistentemente, sua autonomia e para tanto se esquivava de todas as tentativas de aprisionamento de sua psique. A liberdade é-lhe, assim, condição essencial. A atitude parentética, ou seja, sua postura frente ao mundo, confere-lhe uma capacidade de consciência altamente crítica na avaliação dos valores, dos pressupostos que perpassam a cotidianidade dos processos e dos sistemas sociais, e o estimula a agir de modo sempre a influenciar o ambiente, a fim de torná-lo mais adequado às suas necessidades de realização pessoal. É este homem parentético, neste sentido, um resistente, mas não apenas isso, pois ele é, de igual modo, um criador de novas formas de vida pessoal e coletiva.

Também o humanismo guerreiriano não poderia deixar de ser percebido em sua proposta de delimitação de sistemas sociais, esta aliás, marcadamente humano-centrada. Em sua elaboração, considerou o sociólogo que o homem contemporâneo possuía uma variedade de interesses que não poderiam, jamais, serem totalmente satisfeitos em espaços existenciais

tão restritivos quanto o são as organizações formais de caráter econômico. O mercado, definitivamente, não satisfaz às necessidades humanas e a sua expansão necessitaria ser contida. A hegemonia conquistada pelo sistema de mercado deveria ser posta em questão e uma alternativa à sociedade centrada no mercado apresentada, para o bem da saúde psíquica do homem e da viabilidade do social. Estas considerações perpassam a todos os argumentos do último livro de Guerreiro Ramos.

Diante de uma configuração social tão restritiva, o homem, para lograr sucesso em seus projetos de realização pessoal, necessitaria de uma boa dose de heroísmo, para o qual a maioria dos indivíduos – os irrealizados – não estava preparada. Pensando nisso o autor esquematizou uma sociedade planificada a partir da correlação por ele estabelecida entre interesses humanos e lugares adequados para suas realizações e propôs as bases de uma nova ciência centrada na noção whiteheadiana de perduração. Infelizmente faleceu antes de concluí-la.

Bibliografia

AZEVEDO, Ariston. A sociologia antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos. 2006. 260f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

BEVIR, Mark. Mind and method in the history of ideas. **History and Theory**, v. 36, n. 2, pp. 167-189, may 1997.

BEVIR, Mark. **The Logic of the History of Ideas**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. “Models of man and administrative theory”. **Public Administration Review**, 32, 3: 241-6, 1972a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. “The new ignorance and the future of public administration in Latin America”, in Clarence E. Thurber & Lawrence S. Graham (ed.). **Developing administration in Latin America**. North Carolina, Duke University Press, 1973.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. “The parenthetical man (an anthropological approach to organization design)”. **Anais da Annual Meeting of the American Association for Public Administration**, Denver, Los Angeles, ASPA, 1971a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. “The parenthetical man”. **Journal of Human Relations**, 19, 4: 463-87, 1971c.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A crise de poder no Brasil** (problema da revolução nacional brasileira). Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. A inteligência brasileira na década de 1930, à luz da perspectiva de 1980. In: CPDOC. **A revolução de 30, Seminário Internacional**. Brasília: Editora da UNB, 1983b, pp. 527-548.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A nova ciência das organizações**: uma reconceituação da riqueza das nações. Tradução de Mary Cardoso. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1981a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A parenthetical trip (1)** – phenomenology and social science. Los Angeles, 1969. (mimeo.).

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A parenthetical trip (2)** – man invents himself or toward a theory of the parenthetical encounter. Los Angeles, 1970a. (mimeo.)

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A parenthetical trip (3)** – the lost of innocence, or toward a post phenomenological social science. Los Angeles, 1970b. (mimeo.)

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A redução sociológica** (introdução ao estudo da razão sociológica). Rio de Janeiro, Iseb, 1958.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A redução sociológica**: introdução ao estudo da razão sociológica. 2a. edição, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1965

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A sociologia industrial**. Formação. Tendências atuais. Rio de Janeiro, 1952.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Administração e estratégia do desenvolvimento**: elementos de uma sociologia especial da administração. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1966.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Alberto Guerreiro Ramos (depoimento, 1981)**. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC – História Oral. 1985. 64 p. dat.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Introdução à cultura** (ensaio). Rio de Janeiro, Cruzada da Boa Imprensa, 1939a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora ANDES, 1957a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. 2a. edição, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Literatura latino-americana (I). **Cultura Política**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 274-5, mai. 1941a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Literatura latino-americana (II). **Cultura Política**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 246-8, jun. 1941b.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Literatura latino-americana (III). **Cultura Política**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 280-3, jul. 1941c.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Literatura latino-americana (IV). **Cultura Política**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, p. 285-8, ago. 1941d.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Literatura latino-americana (V). **Cultura Política**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, p. 299-301, set. 1941e.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Literatura latino-americana (VI). **Cultura Política**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, p. 274-7, out. 1941f.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Literatura latino-americana (VII). **Cultura Política**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 9, p. 398-402, nov. 1941g.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Mito e verdade da revolução brasileira**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1963.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Modernization: towards a possibility model. In: BELING, Willard A.; TOTTEN, George O. **Developing nations: quest for a model**. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1970c. p. 21-59.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Nota metodológica. **Digesto Econômico**, São Paulo, n. 85, p. 133-136, dez. 1951b.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **O drama de ser dois**. Salvador, 1937a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **O problema nacional do Brasil**. Rio de Janeiro: Saga, 1960a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **O processo da sociologia no Brasil** (esquema de uma história de idéias). Rio de Janeiro: Cândido Mendes Júnior, 1953a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Panfleto de Campanha**, 1962a. mimeo.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Sociologia de la mortalidad infantil**. México: Editora da Universidad Nacional, 1955a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **The parenthetical diagraph**. Los Angeles, 1972b. 5p. Notas de Aula. (mimeo)

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Towards an endurance centered administrative theory**, Los Angeles, 1977. 6p. Notas de Aula. Mimeografado.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A sociologia do Guerreiro**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

SOARES, Luiz Antonio Alves. **A sociologia crítica de Guerreiro Ramos**, um estudo sobre um sociólogo polêmico. Rio de Janeiro: Copy & Arte, 1993.

SOARES, Luiz Antonio Alves. **Guerreiro Ramos: considerações críticas a respeito da sociedade centrada no mercado**. Rio de Janeiro: CRA-RJ, 2005.

VENTRISS, Curtis; CANDLER, George G. Alberto Guerreiro Ramos, 20 Years Later: A New Science Still Unrealized in an Era of Public Cynicism and Theoretical Ambivalence. **Public Administration Review**, v. 65, n. 3, pp. 347-359, may/jun. 2005.